



rumores e ruídos

BRAVO!

Estão chegando às lojas o CD duplo e o DVD de Maria Rita em homenagem à sua mãe Elis Regina. Eis que é chegada a hora de a filha, já emancipada e devidamente autorizada por uma carreira sólida e singular, poder, ainda que, receosamente, somar-se às lembranças dos 30 anos da morte de uma das mais qualificadas intérpretes da música brasileira.

Maria Rita não começou a cantar de forma tímida. Sempre foi solar, mesmo que seus dois primeiros CDs trouxessem um quê de melancolia necessária à interpretação da vida. Li, já há bastante tempo, um comentário de Tárík Souza sobre ela. Algo como: “Maria Rita é dona da melhor frase melódica entre as cantoras brasileiras”. Não sou especialista em música, apenas uma ouvinte atenta capaz de perceber, embora não saiba explicar em miúdos, o teor dessa afirmação. Maria Rita canta sem bengalas, volteios, amarras ou truques. As sílabas sempre se partindo em lugares inusitados. Nunca o recurso a ecos desnecessários para preencher uma inexistente falta de técnica. Para mim que até no banheiro tenho vergonha de cantar, ela sempre pareceu uma cantora altiva.

Os posicionamentos, em princípio hesitantes, no palco, foram cedendo à performance consistente e ao domínio da cena. Amparada pelo repertório de compositores de lirismo ácido (Marcelo Camelo, Francisco Bosco, Fred Martins, por exemplo), Maria Rita incorporou o segundo nome da mãe: regina, a que é rainha. Agora, pôde cantar Elis como Elis, despindo-se de particularidades, privando-se de releituras interpretativas e de arranjos distintos para homenagear, sobretudo, o público materno, muito maior do que aqueles que puderam ou conseguiram comparecer aos shows gratuitos promovidos pelo projeto “Viva Elis”.

Maria Rita não precisaria de nenhuma estratégia de marketing para se lançar, até porque ser filha de quem é e também cantar divinamente seriam condições difíceis de esconder e sem necessidade de alardear. Ser filha de



peixe, no caso de sereia, é algo que chega antes do sujeito, parece tatuagem, penetra o corpo e a alma. A filiação, queiramos ou não, é um bem inalienável. Importa pensar o que fazer com ela? O que fazer de nossas raízes? Liquidá-las, triturá-las, reinterpretá-las, dar curso a elas ou deitar-se à sua sombra?

Autonomia identitária e originalidade são atributos de processos emancipatórios, quando não, revolucionários. Ser original não significa o apagamento das raízes, mas sim sua absorção crítica, antropofágica. Significa libertar-se dos tributos a pagar, reinscrevê-los numa nova economia, transformar dívidas em lucros, libertar-se do brilho castrador das estrelas-guia.

No caso de Maria Rita, a mãe sempre foi mais imagem e narrativa do que presença física. E uma imagem compartilhada e disputada pelas memórias de muitos. Elis Regina sempre foi uma enxurrada de imagens. Quem assistiu à exposição que o CCBB organizou pôde confirmar essa dimensão imagética. Elis nasce dentro de um programa de televisão, como ela mesma afirma. É a gênese dos festivais da canção televisionados e seu produto talvez mais nobre. Moldada por essa estrutura, soube catalisar seu poder encantador, entorpecer sentidos, levar à catarse e à histeria. Foi da mídia também refém, teve sua privacidade arrombada. Não é à toa que, muito inteligentemente, os organizadores da exposição colocaram vários televisores antigos, em preto e branco, com imagens de shows, entrevistas, depoimentos e vídeos caseiros. Em todas essas imagens que lá estavam e que são Elis, lá também estava Maria Rita, a caçulinha estrábica. A figura materna já é, por si só, imagem devoradora. No caso de Maria Rita, presumo que tenha crescido entre imagens e narrativas alheias que foram tornando-se também suas de tal maneira que foi possível agora aproximar-se de Elis, sem ilusionismos.

Quando a voz de Elis entra depois que Maria Rita canta “Imagem”, no show “Redescobrir”, não entra para falsear ou confundir. A luz se projeta sobre o microfone solitário e vazio no palco. Maria Rita escuta essa voz, reverencia-a, mantém-se ao lado, calada e emocionada, marcando a territorialidade de sua diferença, de sua condição de filha. E, como na letra de “Redescobrir”, talvez



rumores e ruídos

repita para si mesma: “Renascer da própria força, própria luz e fé. Memórias! Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós. História!”

Maria Rita nunca quis ser Elis para ninguém. Maria Rita sempre soube ser ela mesma, sem deixar de ser a filha de Elis, herdeira de um patrimônio tão imaterial quanto material. Herdeira do talento, da vontade de cantar, do corpo grudado na voz, da emotividade transbordante, do desejo cênico. Talvez, por isso, possa nos presentear agora revisitando sua obra, redescobrimo a si mesma na imagem da mãe, retribuindo-lhe, com a voz, a própria vida.

Na exposição do CCBB, vamos entrando por diversos corredores, referentes às muitas fases da vida de Elis. No final, quando chegaríamos à notícia de sua morte, desembocamos num grande salão interativo em que toda a discografia de Elis está lá como presente para todos nós. Não há morte para os que, na arte, reinventam a vida.

